

Melissa Hill

PROMETO AMAR-TE

Tradução  
Eugénia Antunes

*Quinta Essência\**



# 1

Ethan Greene estava bem consciente do significado do que se preparava para fazer. Era um momento importante na sua vida; e seria na de qualquer homem, supôs.

Porém, ao mesmo tempo que tentava avançar por entre a multidão de Manhattan no dia de compras, provavelmente o mais agitado do ano, desejou ter escolhido uma altura melhor.

Véspera de Natal na Quinta Avenida? Só podia estar doido.

Inspirando fundo o ar frio, refrescante e não tão húmido como costumava ser o de Londres, não pôde deixar de pensar no pouco que as coisas se haviam alterado desde a última vez que estivera naquela cidade e, ao mesmo tempo, no quanto havia mudado.

Tendo chegado a Nova Iorque há dois dias, ficara surpreendido por se recordar ainda tão bem dos pontos de referência e de ali se orientar sem dificuldade. Os encontrões e cotoveladas da viagem de metro do centro da cidade e de volta, o cheiro a vinil gasto dos assentos dos táxis e o constante zumbido de milhões de sons – humanos ou inanimados – animavam-no. O inegável frenesim proporcionava-lhe uma nova vivacidade, algo que há anos não sentia.

Contudo, Ethan estava cheio de pressa e bastante consciente de que os minutos passavam e que a multidão parecia cada vez mais compacta. Não lhe restava muito tempo.

Ao lado, Daisy apertou-lhe a mão como que presentindo o que ele pensava, contudo, era impossível que ela soubesse o que planeava. Tudo o que dissera fora que precisava de passar por mais um sítio antes de regressarem ao conforto e calor do hotel. Consciente do quanto ele detestava multidões (e andar às compras no meio delas), provavelmente ela estaria apenas a tentar pô-lo à vontade.

Como é que ela reagiria? Sim, é certo que a ideia andava no ar há já algum tempo e fora mencionada mais do que uma vez recentemente, portanto, em abono da verdade, aquele dia não deveria constituir uma grande surpresa. Embora Daisy parecesse entusiasta da ideia, Ethan dava-se agora conta de que deveria ter falado com ela acerca daquele dia – não era nada o género dele não discutir esse tipo de assuntos com ela –, mas a verdade era que estava nervoso. E se a reação dela não fosse tão positiva quanto pensara? Enquanto se interrogava, apercebeu-se de que tinha um nó de ansiedade na garganta. Bom, em breve descobriria a sua reação, em especial quando chegassem ao destino.

Estava especialmente bonita naquele dia, pensou ele, embrulhada numa variedade de camadas de roupa para evitar o gélido frio, os caracóis loiros emergindo de debaixo de um chapéu escuro de lã e o nariz encarnado por cima de um cachecol preto e bordado. Apesar do frio, estava a adorar Nova Iorque tal como previra, e toda a gente sabia que não havia melhor altura do que o Natal para visitar a cidade que nunca dorme. «Sim, foi uma boa ideia», voltou Ethan a asseverar para si mesmo. «Tudo correrá às mil maravilhas.»

Por fim, tendo aberto caminho por entre a horda de compradores de última hora, chegaram à esquina da Quinta Avenida com a Fifty-Seventh Street. Olhou para Daisy e os olhos dela

esbugalharam-se de surpresa quando ele lhe puxou pela mão e a conduziu em direção à entrada.

– Que se passa? – guinchou ela de entusiasmo, olhando para o familiar nome no cimo da entrada, as letras gravadas no granito rodeadas de ramos de pinheiro para comemorar a quadra natalícia. – Do que precisamos *daqui*?

– Eu disse-te que precisava de vir buscar uma coisa – respondeu Ethan, indicando o caminho e piscando-lhe o olho ao mesmo tempo que a porta giratória de vidro os depositava no vestíbulo da Tiffany & Co.

Daisy ficou de imediato maravilhada com o enorme salão de vendas com um grande pé-direito e quase livre de colunas, e contemplou boquiaberta as compridas filas de vitrinas e balcões, os seus preciosos conteúdos brilhando de forma cativante sob os projetores.

– Oh, uau, é tudo tão bonito – sussurrou ela, encantada, no meio do corredor ao mesmo tempo que uma torrente de compradores e turistas também deslumbrados se deslocavam em redor dela com os olhos presos nas vitrinas. A loja era uma das poucas em Manhattan que não abundavam em decoração festiva; os seus cintilantes artigos careciam de pouco embelezamento, e isso, combinado com o encanto inegavelmente romântico da Tiffany's, era mais do que suficiente para criar aquele mágico espírito natalício.

– É, não é? – concordou Ethan, o seu nervosismo dissipando-se um pouco agora que já ali estavam. Pegou-lhe pelo braço e guiou-a ao longo das várias vitrinas e em direção aos elevadores, os seus pés amassados temporariamente mitigados pela macia alcatifa.

– Aonde vamos? – perguntou ela, avançando com relutância. – Não vás tão depressa! Não podemos dar uma vista de olhos? Nunca ali estivera e... Aonde vamos? – insistiu, assombrada, ao mesmo tempo que as portas do elevador se abriam.

– Segundo piso, por favor – pediu Ethan.

– Com certeza, *sir* – O fardado ascensorista obedeceu, fazendo graciosamente uma vénia. Sorriu para Daisy. – *Madam*.

– Mas... porque haveríamos de ir lá? – inquiriu ela em voz baixa, e ele deduziu que ela lera a descrição de cada piso na placa que havia na parede do elevador. Estava de certeza deslumbrada com o local, mas, por muito fascinada que se sentisse com o piso da entrada, ficaria sem fala com o piso para onde se dirigiam.

O coração de Ethan começou a martelar-lhe no peito à medida que as portas do elevador se fechavam. Será que ela iria encarar aquilo bem? Mais uma vez, o melhor provavelmente teria sido falar com ela e perguntar-lhe, mas achara que ela iria gostar da surpresa e também considerava importante que se sentisse parte daquilo.

Ele repetiu:

– Como eu disse, preciso de vir buscar uma coisa.

Daisy olhou então fixamente para ele de queixo caído.

– Não vais... – arquejou, compreendendo de imediato, mas pela expressão de Daisy, Ethan não conseguiu avaliar a reação e supôs que a presença do ascensorista a coibisse de fazer mais perguntas.

No espaço de segundos, as portas do elevador voltaram a abrir-se e Daisy mergulhou na sala apainelada do famoso Diamond Floor da Tiffany's, onde viera levantar a sua compra.

– Não estou a acreditar! – exclamava ela ao mesmo tempo que se aproximavam de um dos balcões hexagonais de madeira e vidro. Olhando para a esquerda e para a direita, viu vários casais felizes a beber champanhe enquanto faziam o que seria, discutivelmente, a mais importante compra da sua vida. – Não posso mesmo acreditar! É *isto* que vens buscar?

Ethan sorriu, nervoso.

– Eu sei que devia ter dito alguma coisa, mas...

– Ah, Mister Greene. – Um idoso e distinto assistente de vendas dirigiu-se a Ethan antes que qualquer deles tivesse oportunidade de dizer mais alguma coisa. – É um prazer vê-lo de novo. Está tudo em ordem e pronto para levar. Não sabíamos, e eu esqueci-me de lhe perguntar pelo telefone, se queria o artigo já embrulhado ou preferia mostrá-lo à senhora primeiro... – Sorriu para Daisy, que, de olhos esbugalhados, lhe devolveu um radiante sorriso.

– Oh, sim, eu gostava muito de ver, se faz favor! – exclamou ela, e depois levou uma mão à boca, consciente de que devia mostrar um pouco mais de decoro, em especial num local como aquele.

Ethan ocultou um sorriso.

– Ora, aqui está – disse o assistente numa voz suave e gentil ao mesmo tempo que lhes estendia a mundialmente famosa caixa azul. Colocando-a de forma cerimoniosa em cima da vitrina e à frente de Daisy, levantou a tampa para revelar o solitário de platina e pedra oval que Ethan escolhera havia um par de dias.

O anel precisara de ser ajustado à medida, razão pela qual o vinha buscar agora, e olhando para ele de novo, estava convencido de que fizera uma boa escolha. Era o clássico talhe da Tiffany's: o diamante erguido ligeiramente acima do anel e seguro por seis pontas de platina para maximizar o brilho da pedra.

– Então, que te parece? – perguntou a Daisy, mas era bastante óbvio que ela estava fascinada com o lindíssimo solitário, embora não fosse essa na verdade a pergunta que Ethan lhe colocava.

Porém, quando ela se virou para ele, a expressão de deleite disse-lhe tudo o que ele queria saber.

– É a escolha perfeita, pai – assegurou-lhe a filha de oito anos –, e a Vanessa vai simplesmente *adorá-lo*, tenho a certeza!

\* \* \*

Graças a Deus que a reação dela fora positiva.

Ethan passara o dia todo – não, o *mês* todo – preocupado com o que Daisy acharia daquilo. Em especial porque aquela viagem a Nova Iorque tinha um significado especial para ambos.

No início daquele dia, enquanto tomavam um chocolate quente num café no centro da cidade, vira a filha depenicar um *cupcake* de limão com cobertura e percebera que alguma coisa a preocupava. Tal como acontecia sempre com a mãe dela, Daisy semicerrava os olhos e deslocava muito ligeiramente o queixo quando ficava imersa em pensamentos.

– Gostaste de Times Square? – perguntou ele, tentando perceber o que se passava na cabeça da filha. – Com as luzes todas e assim?

– É tudo muito bonito – respondeu ela, e depois fez uma pausa, contemplando a agitada rua pela janela. – A mãe disse que Manhattan era como uma árvore de Natal gigantesca nesta altura do ano. Tinha razão.

– Lembras-te mesmo do quanto falava acerca disso, não lembras? – comentou ele.

Daisy esboçou um pequeno sorriso.

– Eu sei que na altura era pequena, mas adorava ouvi-la falar de Manhattan.

Ethan acenou com a cabeça.

– Claro, ela estava bem certa em relação a parecer-se com uma enorme árvore de Natal. A tua mãe estava certa em relação a muitas coisas.

De repente, o significado de se encontrar ali sentado com a filha, na cidade que a mãe dela tanto adorara, submergiu-o e quase o deixou sem fôlego. Engolindo em seco, tentou recompor-se.

– Sabes em relação a que também estava certa? – acrescentou Ethan, e Daisy olhou-o atentamente como fazia de cada vez que o pai tinha alguma coisa para lhe contar sobre a



mãe. Ethan estava bem consciente de que a filha raras vezes prestava mais atenção do que quando ele partilhava mais alguma parte do quebra-cabeças, cujas peças por certo lhe pareciam bastante espalhadas; para ele, era como se Daisy fosse uma espécie de arquivista, reunindo e juntando os fragmentos de um grande legado e colocando-os em ordem. Ethan prosseguiu com um sorriso: – Estava certa de que te tornarias uma menina inteligente e bonita.

Daisy sorriu e virou-se de novo para a janela, para observar a agitada Quinta Avenida na véspera de Natal.

Haviam-se passado nove anos desde a última vez que ali estivera. Jane, a mãe de Daisy, convencera-o a visitar a cidade e lá tinham acabado por fazer a viagem, com partida de Londres, onde moravam.

Jane era uma nova-iorquina dos quatro costados e não suportava passar mais uma primavera «sem um passeio pelo Central Park quando as folhas começavam a mudar de cor». Declamava assim coisas dramáticas de vez em quando, às quais Ethan costumava replicar perguntando afinal quem era o professor de língua inglesa, se ela se ele. «Não, professor», diria ela, com um piscar de olhos. «O senhor é que é aqui o inteligente e criativo, ao passo que eu sou apenas uma romântica incorrigível.»

Os pais de Jane, entretanto reformados, haviam-se mudado para a Florida, por isso ela já não visitava a sua cidade natal com a mesma frequência que desejaria.

Daisy fora concebida na Big Apple durante essa visita. A piada que Jane e Ethan faziam entre os dois – e que Jane não tinha problemas em partilhar com amigos e família – era que Daisy existia porque tinham levado a expressão «a cidade que nunca dorme» demasiado à letra.

Enquanto nutricionista e *personal trainer*, Jane esforçara-se ao máximo por manter Ethan em excelente forma, facto que se tornou ainda mais irónico quando ela desenvolveu cancro

do ovário e descobriu que, a menos que a quimioterapia operasse um milagre, apenas teria uns quantos meses de vida.

Daisy tinha cinco anos na altura. Jane e Ethan estavam completamente apaixonados, mas nunca se haviam casado, e ele queria mudar isso, em especial depois do diagnóstico.

– Não sejas ridículo, querido. Temos sido muito felizes assim. Para quê mudar agora? – insistira Jane. – Além disso – acrescentara ela, gracejando –, não tarda não terei cabelo suficiente para usar véu!

Por essa altura, Ethan alinharia com qualquer coisa que ela quisesse, e Jane tinha vários últimos desejos.

Um era que Ethan levasse a filha a visitar Nova Iorque no Natal, quando ela tivesse idade suficiente para apreciar tudo. Passara horas a contar histórias a Daisy acerca de Manhattan e dos muitos natais que aí passara em criança.

Quando, havia uns meses, Daisy começara de moto próprio a falar de que gostaria de ir até Nova Iorque, Ethan percebeu que chegara a altura.

Uma noite, durante o jantar, mencionou a intenção à sua namorada, Vanessa. Esperava que ela apreciasse a ideia e se juntasse a eles. Embora soubesse que a viagem teria um significado particular para ele e Daisy, devido à associação com Jane, achava também importante que Vanessa fosse incluída. A relação de ambos assumira um tom mais sério ao longo dos últimos seis meses e talvez, talvez, estivesse escrito nas cartas que deviam passar algum tempo em Nova Iorque juntos.

Quem sabia se aquela viagem não seria uma espécie de rito de passagem para o próximo nível da vida dele e de Daisy? Já se haviam passado três anos desde a morte de Jane e Ethan contava com certeza com a bênção dela para seguir em frente; outro dos seus últimos desejos fora que não ficasse sozinho.

– Encontra uma mulher que te faça pão – troçara ela, numa referência a uma piada com barbas acerca dos hábitos dietéticos deles. A obsessão de Jane por uma alimentação saudável fazia

com que raramente comessem alimentos ricos em amido ou farinhas refinadas, como pão ou batatas, algo com que um fã de hidratos de carbono como Ethan sempre se debatera. E no final, não importara nada o que qualquer deles comia; o cancro levava-a à mesma.

Contudo, ele sabia que o comentário continha também um elemento metafórico, e embora na altura não suportasse a ideia de seguir em frente com outra pessoa, à medida que o tempo passara, esse sentimento atenuara-se. Uma mulher que lhe fizesse pão? Ethan não tinha a certeza se tal descrição se aplicava exatamente a Vanessa, mas sabia que a amava e achava que ela seria o perfeito modelo feminino para a filha, que amadurecia a olhos vistos.

E quando Ethan sugerira que passassem os três juntos o Natal em Nova Iorque, Vanessa aceitara de imediato. Conhecia bem a cidade, pois viajava com frequência para Manhattan em negócios ou para visitar amigos.

– Achas que a mãe ficaria orgulhosa de mim? – perguntou Daisy ao pai, trazendo Ethan de volta ao presente. Ele pestanejou para a filha e inclinou a cabeça como quem não a entendia. – Ela dizia sempre que estava orgulhosa quando eu confiava em mim e experimentava algo novo – prosseguiu Daisy, em jeito de explicação. – E aqui estou eu, na cidade preferida dela, a experimentar uma coisa nova.

– Tenho a certeza absoluta de que sim, querida – respondeu-lhe Ethan, num tom gentil, os olhos marejando-se ligeiramente.

Depois, olhando para o relógio, verificou o quanto era já tarde. Pensou em Vanessa, recordando que ela não tardaria a regressar da visita a umas amigas e que ele, como de costume, ainda tinha algumas compras importantes para fazer.

«Uma loucura, na realidade», pensou ele. «Era tudo tão à última hora.» Daisy estava cansada, e concentrada na sua mãe, mas na loja esperavam-no.

Portanto, o debate prosseguira na cabeça de Ethan sobre se deveria terminar o que se propusera fazer ou bater em retirada para o conforto do quarto no Hotel Plaza. A animação que sentira ao longo dos últimos dias em relação ao plano que traçara começava a decair e a verdade é que estava nervoso. «Orienta-te», ordenou a si mesmo.

– Sabes quem mais está orgulhoso de ti? – perguntou a Daisy.

– Sim – respondeu ela sem hesitação, antes de terminar o chocolate quente. – Tu. E a Vanessa também. Disse-mo no avião.

Ethan sorriu. Era tudo o que precisava de escutar.

Agora, enquanto, na companhia de Daisy, esperava que o assistente da Tiffany's embrulhasse o anel, sentia-se aliviado por tudo parecer correr bem. É claro, havia ainda a pequena questão da reação de Vanessa a tudo aquilo, mas sabia quase com certeza qual seria.

Ao anel pelo menos, se não ao resto.

Aprendera com Jane, que costumava dizer maravilhas em relação à Tiffany's, que a famosa caixinha azul era quase sinónimo de verdadeiro romance de conto de fadas ao estilo de Nova Iorque. Segundo ela, não havia mulher no mundo que lhe resistisse. A loja e os seus artigos encantavam os sonhos de milhões delas.

Uma peça *Tiffany's* sempre fizera Jane fraquejar das pernas, e o grande arrependimento de Ethan era nunca ter tido a oportunidade de a presentear com um dos seus famosos anéis de diamantes.

Esperava que Vanessa o fosse apreciar igualmente, mas tinha a certeza de que sim, pois era uma grande apreciadora das coisas mais requintadas da vida. A sua ética de trabalho e dedicação assegurava que pudesse desfrutar do melhor e, na opinião de Ethan, o melhor era exatamente o que ela merecia.

Pensando no preço do anel, engoliu em seco, grato mais uma vez por aquelas *stock options* que haviam rendido dinheiro havia alguns meses. As opções tinham sido uma prenda do pai,

e fora apenas devido a essa soma que Ethan pudera gastar tanto no diamante, e até na suíte no Hotel Plaza.

– Prefere a nossa clássica fita branca no embrulho ou talvez algo mais festivo devido à quadra? – perguntou-lhe o assistente.

– Um laço encarnado, talvez?

– Daisy? – incitou Ethan, deixando a decisão para ela.

Ela pensou por um momento.

– A branca, decididamente.

– Ah, o estilo clássico da Tiffany's – concordou o assistente, com um sorriso. – Bom gosto, minha jovem.

Daisy sorriu de novo e desviou o olhar do assistente para o pai.

– A mãe costumava falar-me aqui da loja – confessou, com um ar envergonhado. – Dizia-me que a Tiffany's é um lugar muito especial, onde tudo inspira romance e magia.

O vendedor olhou para Ethan e este sorriu, reconhecendo silenciosamente que Daisy estava na idade em que aquele tipo de imagem fantasiosa era importante.

– A mãe da Daisy já não está connosco, mas era uma grande fã da Tiffany's – disse Ethan.

Não tinha qualquer dúvida de que Jane não poupara elogios à loja nas inúmeras histórias sobre Nova Iorque que contara à filha. O amor da vida dele fora uma incurável alma romântica, do tipo que acreditava em coisas fantásticas como o destino e os mistérios do universo.

De muito lhe servira isso, pensou ele, mas ultimamente alguns desses traços pareciam fazer-se notar em Daisy. Mas, pensando bem, era uma menina de oito anos que tinha pósteres de princesas e unicórnios em todas as paredes do quarto, portanto, supunha que tal fosse uma coisa normal, tendo em conta a idade.

Fosse como fosse, Ethan estava aliviado por descobrir este lado mais imaginativo da filha; desde a perda prematura da mãe, por vezes revelava-se uma menina demasiado séria, ator-

mentada e com tendência para se preocupar com a mais pequena coisa.

– Ah. – O homem acenou com a cabeça, como que compreendendo. Agachou-se para ficar à altura de Daisy. – Sim, este é de facto um local especial e, como pode ver, o romance aqui está sempre no ar. – Com a cabeça indicou os casais que ali se encontravam, absortos nos seus momentos de felicidade. – E tenho de admitir que eu mesmo já experienciei alguns momentos mágicos desde que aqui trabalho. Como conhecê-la a si hoje, por exemplo – acrescentou, com um piscar de olhos, e Daisy corou de alegria.

Ethan observava-a, o seu coração inchado ao ver o sorriso encantado da sua menina.

Então, embrulhada a importante caixinha e guardada em segurança no saco azul-claro, o assistente estendeu a Ethan a sua compra, mas Daisy antecipou-se-lhe e agarrou ela mesma nas asas.

– Posso ser eu a levá-lo? – perguntou, olhando fixamente para o saco como se contivesse algo raro e precioso.

E, de facto, continha.

– Claro que sim. – Ethan sorria de orelha a orelha ao mesmo tempo que guardava a documentação respeitante ao anel no bolso do casaco. Não podia ter esperado uma melhor reação e estava mais seguro do que nunca de que o facto de ele, Vanessa e Daisy estarem juntos em Nova Iorque era apenas o primeiro passo na maravilhosa viagem que tinham pela frente.

Depois, pegando na mão da filha, desejou um feliz Natal ao amável assistente da Tiffany's e encaminhou-se com Daisy para a saída, para se voltarem a juntar à multidão que apinhava a Quinta Avenida.